

PERDURAR COMO PARADOXO

Obras da Coleção de Arte Contemporânea da Fundação MEO

1 Martinha Maia, *Sem Título (I Série)*, 2004.
2 Alexandre Estrela, *Lazy Eye*, 1998.
3 Eduardo Nery, *sem título*, 1981.
4 Rudolfo Quintas, *Sentiment Data Painting – World News 2024*, 2024.
5 Rosa Almeida, *Smoke Get In Your Eyes ("New York, New York")*, 2000.
6 Eduardo Batarda, *Erros 44 (Mecânico)*, 1995.
7 · 8 Maria José Oliveira, *Mas onde nós estamos é a luz*, 2003.
9 Joana Rosa, *Silence*, 2002.
10 Luís Palma, *Paisagem e Memória*, 1999.
11 Ragnar Kjartansson, *Fire (3)*, 2024.
12 Marta Moreira, *Sem Título (Danaïde)*, 2001
13 Miguel Soares, *ARCHIBUNK3R Associates*, 2000.
14 Cristina Mateus, *Não digas nada*, 1998.
15 Fernando Brito, *Sem Título (cruzeiro)*, 1993.
16 Pedro Casqueiro, *Sem Título (LI 73/93)*, 1997.
17 Pedro Cabrita Reis, *Sem Título*, 1986.
18 Pedro Proença, *Black is Black*. 1991.

espaço Fundação MEO



PERDURAR COMO PARADOXO

Obras da Coleção de Arte Contemporânea da Fundação MEO

01/10–13/11
2ª a 6ª feira | 10h–18h

Espaço Fundação MEO
Fórum Picoas, Lisboa

fundacao.meo.pt

fundação MEO

Perdurar como Paradoxo reúne um conjunto de obras de arte produzidas desde a década de 1980, raras vezes ou nunca expostas, provenientes de diferentes núcleos da Coleção de Arte Contemporânea da Fundação MEO.
A preservação de uma obra de arte numa coleção nem sempre implica a sua visibilidade imediata. Diferentes razões, como a sua escala, a complexidade técnica, as condições materiais que a sua apresentação exige, ou a memória que encerra, podem determinar a sua ausência do espaço expositivo, e o seu afastamento do olhar. Privilegiando o diálogo entre obras conhecidas e desconhecidas do público, revisita-se a coleção e explora-se a sua condição paradoxal enquanto espaço de preservação e partilha, de ocultação e revelação, marcado pela constante tensão entre forças opostas.

Partindo desta contradição, e perante a invisibilidade que tantas vezes acompanha o que cuidadosamente se guarda, **Perdurar como Paradoxo** pretende ativar a capacidade de mutabilidade e transformação dos objetos artísticos de modo a reanimá-los no presente. Não procurando resolver este paradoxo, a exposição assume-o como condição para recuperar obras que permaneceram ocultadas, reclamando-lhes um espaço e fazendo-as perdurar a partir de um outro olhar. Sem propor uma leitura só, nem um percurso definido, convida-se o visitante a percorrer o espaço e a conhecer diferentes obras, orientadas por afinidades dinâmicas, como a perceção, a matéria e a energia. Convocam-se os conceitos de metamorfose e impermanência através da evocação do fogo como tecnologia primeira, da infância como idade para conhecer o mundo e da mecânica pela inerente mutação dos sistemas analógicos em sistemas digitais e computacionais. Alude-se também à persistência da contradição expondo obras de artistas que indagam sobre a sacralização e a profanação da realidade, sobre os constrangimentos e o alcance das margens, e que integram a imprevisibilidade e o erro na sua prática artística.

Perdurar como Paradoxo evoca a própria memória da coleção, apresentando obras que regressam ao espaço público e outras resgatadas e mostradas pela primeira vez, e esclarece que as obras de arte e coleções possuem a capacidade de perdurar em diferentes contextos, revelando novas possibilidades de relação com o presente.

Conteúdos acessíveis em PT e EN, audiodescrição, legendagem e Língua Gestual Portuguesa para adultos, crianças, cegos e surdos.

Faça download da App

Fundação MEO

Diretora: Carolina Pita Negrão
Responsável Espaço Fundação MEO: Raquel Carrilho
Produção: Irene Luís
Curadoria: Afonso A. Castro
Montagem: Feirexpo
Agradecimentos: IHA-NOVA FCSH

Esta exposição foi desenvolvida no âmbito do projeto 'Implementação do Espaço Fundação no Fórum Picoas', uma parceria entre a Fundação MEO e o Instituto de História da Arte (IHA – NOVA FCSH).